

MANEJANDO AS ABELHAS

Projeto
**ABELHAS
NATIVAS**

Vol. 2



Expediente

Projeto Abelhas Nativas Manejando as abelhas

Vol 2 – Janeiro de 2007

Textos

Viviane Cardoso Pires (Bióloga)

Revisão

Murilo Sérgio Drummond (Biólogo)

Lenira de Melo Lacerda (Bióloga)

Editoração

André Sales de Abreu Lisboa

Projeto gráfico

Etnia Design

Ilustrações

Marcos Caldas e Joacy Jamys (*in memoriam*)

Publicação do

Projeto Abelhas Nativas

Rua Sete, Quadra I, Casa 01

Jd Bela Vista - CEP 65.073-200

São Luís/MA

Site: www.projetoabelhasnativas.org

O Projeto Abelhas Nativas, sob a Coordenação-Executiva da Associação Maranhense para a Conservação da Natureza (AMAVIDA) e Coordenação Técnico-Científica da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), é dividido atualmente pelas seguintes seções territoriais regionais: São Luís/Maracanã, Nordeste/Maranhão, Lençóis/Delta Parnaíba e Miritiba (os dois últimos em fase de implantação).

O projeto é detentor de três prêmios nacionais: » **Prêmio Ambiental von Martius - 2003** (2º lugar na categoria Natureza instituído pela Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha; » **Prêmio Ford de Conservação Ambiental - 2004** (Categoria Negócios em Conservação) instituído pela Fundação Ford e Conservação Internacional e » **Prêmio Melhores Práticas Ambientais do Nordeste - 2006** instituído pela Sociedade Nordestina de Ecologia.

Em 2005 recebeu o Certificado de Tecnologia Social da Fundação Banco do Brasil.

O Projeto é apoiado pelas seguintes instituições: Comercial e Agrícola Paineiras LTDA, Programa Pequenos Projetos Ecológicos (PPP-ECOS) do Fundo Para o Meio Ambiente Mundial (GEF) por meio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e sob a Coordenação do Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPAN), ALUMAR, Fundação Banco do Brasil.

Projeto

**ABELHAS
NATIVAS**

MANEJANDO AS ABELHAS

São Luis - 2007



Apresentação

Caros abelhudos e abelhudas!

Finalmente colocamos nas mãos de vocês a cartilha obrigatória do criador de abelhas nativas. Corresponde ao Volume de número 2 da série “Projeto Abelhas Nativas”.

Após um aprofundamento da leitura e debate do Volume 1 que trata da análise da criação no contexto da comunidade, este volume constitui um importante fonte de consulta para todos aqueles que tem interesse no manejo direto das colônias de abelhas produtivas como a tiúba, urucu, jandaíra ou mesmo aqueles abelhas menores como a mirim, jataís, etc.

A autora, Viviane Cardoso Pires, conseguiu de forma simples sintetizar as técnicas de manejo, de forma que qualquer pessoa com o mínimo de capacidade de leitura possa aprender, por ela mesma, a iniciar sua própria criação.

Boa leitura.

Projeto Abelhas Nativas





Oi pessoal, vou contar pra vocês uma história... É a história de um homem encantado. Ele andava pelas terras próximas de sua comunidade, matas, campos e chapadas, à procura de ninhos de abelhas. Diziam que ele era encantado porque só pra ele as abelhas se mostravam. Um dia, ele entrava no mato, achava 10, 15 ninhos e urinava ao redor de todos eles pra que ninguém encontrasse, e no outro dia levava seu machado e muitas vasilhas pra colocar o mel que era retirado dos ninhos. O machado batia o dia todo, ele derrubava uma árvore, tirava o mel e saía à procura da outra árvore marcada. Às vezes, quando via a rainha do ninho, a comia pra ter mais sorte e continuar encantado. E batia o machado...

Ele não se preocupava porque segundo ele a natureza é muito generosa, não havia problema em derrubar a árvore porque as abelhas se mudavam sempre pra outro lugar. As melhores pra tirar mel, segundo ele, eram a tiúba, a uruçú e a jandaíra, porque além de dar muito mel, eram mansinhas. Já a abelha preta dava muito trabalho porque enroscava no cabelo; e a tataíra caga-fogo, essa nem pensar!!! O mel dela não devia ser bom.

Depois de uns anos, o filho mais velho daquele homem começou a sair com ele à procura de mel. O pai queria muito ensinar o ofício ao garoto, pois acreditava estar perdendo o encanto, já não encontrava mais com a mesma facilidade as abelhas. O filho obedeceu o pai, dedicava muitas horas do seu dia à procura das abelhas, mas acreditava não ter herdado o mesmo dom porque não conseguia encontrá-las. O jovem rapaz começou a se perguntar se tinham feito alguma coisa errada, cometido algum pecado que desagradasse a Natureza. Por que não encontrava as abelhas? Não encontrara a resposta.





Bem gente, meu nome é **Abel**, e eu sou o filho desse homem encantado, minha história com as abelhas não terminou por aqui, mas tomou um novo rumo desde que conheci minha amiga Débora.

A **Débora** chegou com uma novidade no meu povoado, a **meliponicultura**. Ela e seus parceiros desenvolvem o **Projeto Abelhas Nativas** que visa a conservação das abelhas nativas e a implementação de práticas de desenvolvimento sustentável.

Quero contar pra vocês o que aprendi com ela sobre a **criação e manejo** das abelhas nativas, e vocês verão as minhas dúvidas respondidas.

Vamos a primeira aula!





1

O que é Meliponicultura?



A Débora perguntou se alguém já tinha ouvido falar da meliponicultura. E eu, abelhudo como sou, respondi logo que imaginava o porquê do nome: - essa eu sei, é porque as abelhas dão **mel**, **mel** + **iponicultura**, meliponicultura, não é professora? O meu pensamento parecia evidente, mas a resposta não era essa.

A criação de abelhas sociais sem ferrão recebe o nome de **MELIPONICULTURA** porque elas fazem parte de um grupo que os cientistas chamam de **Meliponina**, de onde vem o início do nome. A casa onde abriga várias colméias é chamada de **MELIPONÁRIO**, e quem cuida das abelhas é conhecido como **MELIPONICULTOR**.

É bem verdade que essas abelhas produzem mel, mais existe uma abelha social, que não é nativa do Brasil, que se chama *Apis mellifera*, conhecida como italiana, européia ou africanizada, que também produz mel, mas não pertence ao grupo Meliponina, sua criação é chamada de **Apicultura** e o local que abriga várias colméias é chamada de **Apiário**.

Entendido que na meliponicultura criamos exclusivamente as abelhas nativas sem ferrão, vamos a segunda aula.





2

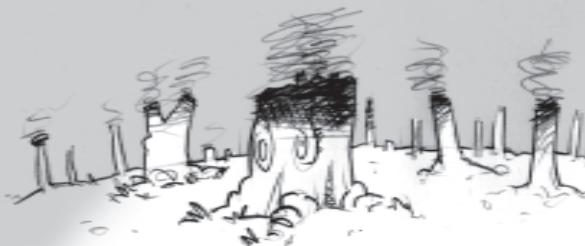
Qual a importância da Meliponicultura?

A meliponicultura é uma das formas de se conservar as abelhas nativas, que estão diminuindo a cada dia que passa, cada vez fica mais difícil encontrar abelhas em seu *habitat* (sua morada) natural. O sumiço das abelhas tem vários motivos, e o principal responsável é o homem.

Desmatamento

A maioria das abelhas sem ferrão faz seus ninhos em ocós de árvores, geralmente nas que possuem os troncos mais grossos, que são os mais cobijados. Todas as práticas humanas como as roças, as queimadas, as monoculturas, as carvoarias, as madeireiras, que provocam a derrubada de grandes áreas de vegetação nativa, prejudicam as abelhas porque:

a) diminui as fontes de alimento (néctar e pólen), **b)** reduz as possibilidades de locais para as abelhas fazerem seus ninhos, além de, **c)** destruir grande parte dos ninhos.



Agrotóxicos

Muitos agricultores usam veneno para matar as pragas que vão às plantas, com isso matam vários insetos, inclusive as abelhas.



Apicultura

Muitas pessoas criam a abelha africanizada, que não é nativa do Brasil, em grande quantidade, em áreas que não possuem muito alimento suficiente para elas e para as nativas. Na falta de alimento, as abelhas competem e as nativas não tem como se expandir.



Meleiros

Os meleiros têm o costume de encontrar ninho no mato e aproveitar apenas o mel, deixando o resto da colônia aberta, na certeza de que as abelhas irão se mudar pra outro lugar, mas muitos não imaginam que fazendo isso estão facilitando a morte daquele ninho.

Cada um desses problemas, somado aos demais, causa um problema muito grande para a diversidade de abelhas. Em muitas regiões encontramos certas espécies de meliponíneos com muita dificuldade. No Maranhão, a urucu-boi (*Melipona fuliginosa*) é considerada uma espécie rara e talvez já esteja em perigo de extinção. Daí vem a importância da meliponicultura, porque através dela, muitas espécies são conservadas sobre os cuidados dos **meliponicultores**, que são pessoas capacitadas para criar essas abelhas com o compromisso de não mexer nas que estão em seu habitat natural.

Depois da segunda aula fiquei chocado, quanta destruição o homem provoca! Na lição seguinte, comecei a encontrar as respostas para as minhas dúvidas.





Por que o modo como os meleiros extraem o mel pode prejudicar as abelhas?



A Débora explicou que:

Primeiramente, quando o ninho é derrubado no chão, uma parte do ninho é perdida, a cria, os filhinhos mais novos que ainda estão na fase de ovo não sobrevivem à queda. Normalmente os ovos ficam em pé na célula sobre o alimento, se o ovo tombar ele gora.

As rainhas da tíuba, uruçu, preguiçoso, canudo, moça branca, de todas as abelhas sem ferrão, depois que são fecundadas, depois que cruzam com o zangão, ficam com o abdome (barriga da abelha) bem grande e não podem mais voar. As operárias não conseguem levar a rainha, ela é muito grande e pesada. Como fazer a mudança sem a rainha, a líder do grupo? Elas simplesmente não mudam.

Além disso, como muitas vezes o ninho fica aberto, o calor do sol mata a outra parte da cria que não pode controlar a temperatura do corpo e morre com o calor.

As formigas também fazem a festa, atraídas pelo cheiro do mel e do pólen (saborá), invadem o ninho e ajudam a destruí-lo mais rapidamente.

E as troíras, calangos, lagartos, teiús, não deixam por menos, se delicias com as operárias que ainda estão tentando salvar parte do ninho.

É possível mudar depois de toda essa bagunça?

Agora eu sei que não. Fiquei muito preocupado porque eu mesmo destruí muitos ninhos com meu pai. Na verdade ele não perdeu o encanto, as abelhas estavam morrendo.

Um colega da comunidade também se lembrou que o desmatamento na nossa região está muito grande, temos as roças, as madeiras, e isso também prejudica as abelhas.

E na sua comunidade, você já percebeu se existe alguma atividade que pode prejudicar as abelhas?





Quais os cuidados que um meliponicultor deve ter com as abelhas?

Pra compensar essa perda de ninhos, só mesmo cuidando muito bem das espécies nativas que existem atualmente.

O primeiro cuidado que o meliponicultor deve ter com as abelhas é não retirá-las do lugar onde elas vivem naturalmente. Então, como iniciar a produção? Algumas das qualidades de um bom meliponicultor é a paciência e a perseverança. A produção começa pequena, quando o meliponicultor tem pouca experiência, e aumenta proporcionalmente com a dedicação do criador.

O criador pode obter suas colônias através de técnicas simples, como a utilização de **ninhos-isca**, e a multiplicação artificial de **colônias**, que são métodos eficientes, e permitidos por lei. As abelhas nativas são espécies silvestres e não podem ser retiradas da natureza com métodos destrutivos, como os que derrubam árvores, pois estaríamos cometendo um crime.



5

Multiplicação artificial de colônias

A **multiplicação artificial** é um método prático e ecologicamente correto porque através dele o meliponicultor aumenta o número de colônias sem retirar ninhos da natureza. Através desse procedimento, o criador pode em um ano duplicar ou até triplicar a sua criação. Existem várias técnicas, o Projeto Abelhas Nativas adotou uma que considera mais eficaz.

Nesse método, retiramos da **caixa-mãe** (matriz) 1 ou 2 favos de cria nascente (mais claros) e colocamos em outra caixa, a **caixa-filha**, este favo deverá ter no mínimo 6cm de diâmetro. A caixa-filha recebe também algumas abelhas jovens, um pouco de alimento (mel), e é colocada no lugar da caixa-mãe para receber as abelhas campeiras. A caixa-mãe então é retirada de seu lugar e vai para outro, de preferência com distância



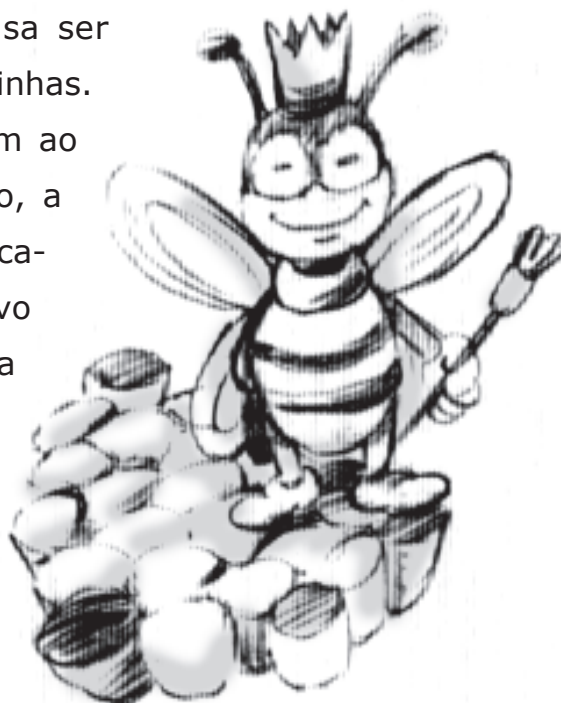
mínima de 3 metros da caixa-filha que deve ser colocada no lugar da caixa-mãe. As duas caixas devem ser bem vedadas com fita crepe e a entrada da caixa-mãe obstruída com cera para facilitar a recuperação da colônia que nesse momento está sem abelhas guarda.

Nesse momento interrompi a aula, pois estava curioso demais, perguntei a Débora: - Se só existe uma rainha que põe ovos, e essa fica na caixa-mãe, de onde vem a rainha da caixa-filha? E ela respondeu:



A rainha nasce dos favos e precisa ser fecundada por machos de colônias vizinhas. Se as espécies de abelhas pertencerem ao grupo do tipo *Trigona*, como a canudo, a jataí, a borá, a mumbuca, a tataíra, a boca-de-barro, é preciso observar se há no favo **célula-real** ou **realeira**. A realeira é uma célula maior, que tem mais alimento e dela nasce uma rainha.

Já as abelhas como a tiúba, a urucu, a jandaíra ou a preguiçosa, que



fecundada deve ser colocado mais favo de cria nascente.

Esse começo exige muito cuidado do criador, porque as novas colônias são como crianças que acabaram de nascer, são muito frágeis!



6 Os Ninhos-isca

Outra forma de se obter ninhos legalmente é utilizando as **iscas**. As abelhas são atraídas pelo cheiro da cera, do mel, ou própolis. Uma das técnicas utiliza uma solução de própolis e álcool em garrafas pet.

Como fazer um ninho-isca



1. Coloque uma pequena quantidade (30ml) de solução de própolis e álcool em uma garrafa pet de 2 litros e agite.



2. Deixe a solução permanecer por um tempo até que a garrafa fique impregnada do cheiro.

Como fazer um ninho-isca



3. Depois retire a solução. Revista bem a garrafa externamente com jornal e plástico preto grosso para não permitir a passagem de luz.

4. O ninho-isca está pronto! Agora é só pendurar em árvores em locais onde há possibilidade de ninhos perto.



5. É importante tomar cuidado com a posição da garrafa para evitar que entre água e esta fique acumulada.

Preparo de solução de própolis e álcool

1. Em um vasilhame escuro coloque em quantidades iguais, própolis e álcool a 92°C.
2. Agite e deixe descansando por 30 a 60 dias.



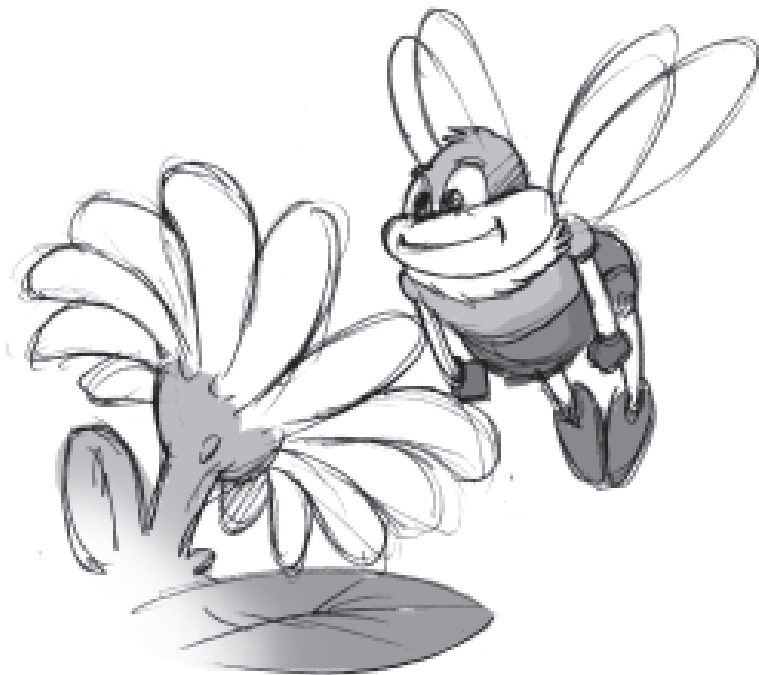
O pessoal da minha comunidade e eu ficamos empolgados com as novidades, estávamos ansiosos pra começar nossa produção. Já sabíamos como conseguir as colônias, mas faltava a Débora ensinar onde colocar os ninhos. Qual o local ideal para abrigar as abelhas?

7 O Meliponário

Como já foi dito, o meliponário é o local onde abriga várias colônias. E o lugar para construí-lo deve ser bem escolhido pra atender as necessidades das abelhas e dos meliponicultores.

Devemos inicialmente, tomar cuidado com três coisas: **VENTO**, **FLORADA** e **ÁGUA**.

O meliponário não pode receber muito vento porque o vento dificulta o vôo das abelhas; devemos escolher um local que tenha barreiras naturais, como vegetação, por exemplo.



Vegetação perto também é importante porque quanto mais fácil estiver a florada para as abelhas, melhor. Se não tiver florada perto do local devemos plantar mudas de espécies vegetais que lhes ofereçam néctar e pólen.

Assim como nós precisamos de comida e água, as abelhas também precisam, por isso é importante ter uma fonte de água próximo ao meliponário. O raio de vôo dessas abelhas, ou seja, a distância máxima que elas podem voar do ninho até a fonte varia de acordo com o tamanho da abelha; quanto maior a abelha, maior a distância que ela percorre. Abelhas grandes como a tiúba e a uruçú percorrem cerca de 2 km. Se não tiver fonte de água perto, a solução é colocar alimentadores próximos ao meliponário, com suporte para as abelhas não se afogarem. E a água deve ser trocada todos os dias.

**Uma amiga da comunidade perguntou:
- O meliponário pode ficar perto das casas, já que as abelhas não ferroam e não vão causar perigo pras crianças?
E a Débora respondeu:**



O meliponário pode ficar próximo às casas da comunidade, desde que se tome cuidado com o vento, as floradas, a fonte de água, e com a **HIGIENE**.

Deve-se evitar construir o meliponário perto de locais onde há fezes expostas como galinheiro, ou mesmo fezes humanas. Abelhas como a tiúba e a urucu não costumam coletar fezes, mas outras abelhas como algumas espécies de *Trigona*, coletam fezes se estas estiverem mais fáceis que o barro. As fezes humanas também podem contaminar a fonte de água das abelhas e conseqüentemente o mel será contaminado. Ninguém vai querer consumir ou vender mel com fezes, não é mesmo?

Já aprendemos alguns critérios básicos pra construir o meliponário, o próximo passo é descobrir as vantagens de se criar abelhas em caixas e não no cortiço.

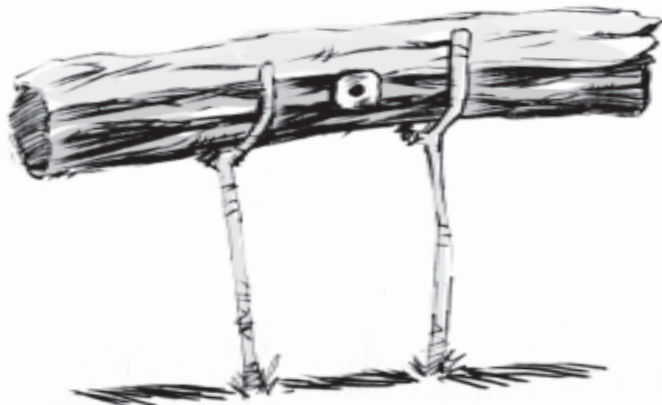
Na nossa comunidade essa novidade criou muita inquietação porque algumas famílias já criavam em cortiço.



Por que criar as abelhas em caixas?

Um dos motivos de criarmos as abelhas em caixas é para facilitar o trabalho dos meliponicultores. Algumas pessoas criam abelhas em **cortiços**. O cortiço é o pedaço do tronco da árvore onde o ninho das abelhas foi construído.

Ele é muito pesado, e a observação nele é difícil. A criação em caixas padronizadas facilita o trabalho além de aumentar o rendimento da produção de mel.



Eu, Abel, abelhudo, interrompi a aula outra vez, e fiz uma observação que acredito, era a de muitas pessoas também. Eu achava que construindo uma caixa bem grande, as abelhas iriam guardar mais mel. Será que acertei dessa vez? Quanto maior a caixa, maior a produção?

É comum as pessoas pensarem que em uma caixa bem grande as abelhas vão produzir mais, no entanto não há uma relação direta nisso.

É necessário observar e testar as caixas para saber se elas correspondem às expectativas do meliponicultor.

Um estudioso das abelhas, o professor Kerr, observou vários tamanhos de caixa para a **Melipona fasciculata**, conhecida como tíuba, e viu que os melhores rendimentos ocorreram nas caixas de 27 litros e 50 litros. De maneira geral, segundo ele a caixa deve ter no máximo o dobro do volume ocupado nos ocos das árvores. Uma caixa muito grande não ajuda as abelhas, porque elas terão muito trabalho para controlar a temperatura dentro do ninho.

No Projeto Abelhas Nativas, consideramos alguns pontos ao escolher o nosso modelo de caixa:

- Utilizamos um modelo de caixa que já foi testado, e sabemos que ele serve para produção de mel;
- A caixa adotada possui 27 litros, e é dividida em duas partes, o módulo inferior, e a gaveta superior; a de 50 litros tem o mesmo rendimento, mas é mais cara;
- Como a caixa tem duas partes, podemos alterar (duplicar ou reduzir) o volume com mais



continua ➤

liberdade, de acordo com a necessidade ou época do ano. Por exemplo, utilizamos apenas o módulo inferior em colônias novas; nas colônias fortes, duplicamos o volume na época de produção de mel, e reduzimos o volume depois da tirada de mel.

- Esse modelo de caixa é barato e fácil de ser confeccionado.

Depois de tanta coisa que aprendemos sobre o manejo das abelhas, eu achava que já tínhamos informações mais que suficientes pra começarmos a nossa criação, mas com o próximo assunto, vi que não basta ter um meliponário bem construído, caixas lindas, se nós, meliponicultores, não protegemos as colônias dos seus inimigos naturais.





Combate às pragas

Não basta construir o meliponário, povoar as caixas e só freqüentar o meliponário na época de tirar o mel. Existem épocas do ano que algumas pragas aparecem com mais freqüência e outros inimigos das abelhas que estão presentes o ano todo, por isso o meliponário deve ser freqüentado pelo menos uma vez por semana.

O forídeo (*Pseudohyocera kerteszi*) é uma mosquinha que põe seus ovos junto com a cria das abelhas e também nos potes de pólen (saborá). Ocorre com muita freqüência na época de chuva, são atraídos pelo cheiro do mel e do pólen das colônias, e é um dos principais inimigos porque pode destruir os ninhos em poucos dias se os devidos cuidados não forem tomados.

Para combater os forídeos, utilizamos uma armadilha feita de garrafa pet (150ml) e vinagre (de preferência de maçã), que atrai os forídeos. Cortamos a garrafa pelo meio, retiramos o lacre da tampa, e colocamos uma tela na boca. Essa tela deve ser pequena (0,3 cm), de modo que o forídeo passe e as abelhas não. A armadilha pode ser colocada próxima às caixas, ou dentro



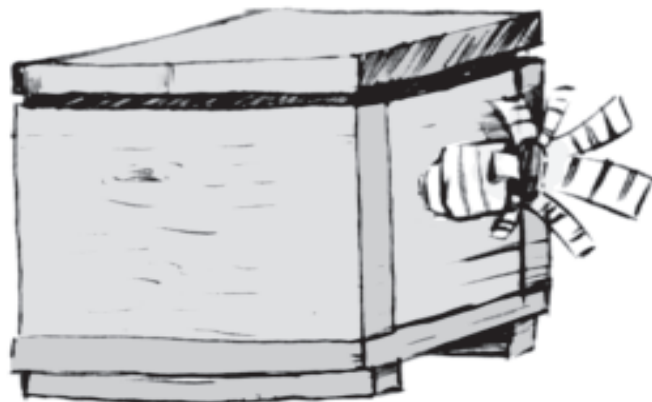
da colônia se a mesma já estiver infestada pela praga. Nos ninhos infestados, os favos precisam ser observados e se estiverem contaminados devem ser eliminados, de preferência, queimados.

As formigas também podem ser uma ameaça para as abelhas, principalmente para as colônias fracas. Elas são também atraídas pelo mel, sendo assim, devemos evitar ao máximo derramar mel na colônia. A solução para evitar as formigas, é utilizar óleo queimado ou graxa nos suportes das prateleiras do meliponário, evitando que elas cheguem até as colônias.

Existe um marimbondo que, assim como as abelhas, constrói seus ninhos em cavidade, é conhecido como marimbondo de peixe (*Agelais pallipes*). Ele costuma invadir colônias fracas que estão com pouca guarda. Na comunidade de Preazinho, em Belágua no Maranhão, esse marimbondo destruiu 5 ninhos de tiúba. A solução encontrada pela Fátima, meliponicultora local, foi espantar os marimbondos com fogo e deixar caixas vazias no meliponário.

Nessa mesma comunidade, a abelha africanizada ou italiana (*Apis mellifera*) se tornou também uma praga. Na época de pouca florada na região, atraída pelo mel, invadiu vários ninhos de tiúba e uruçú. Para evitar que essa espécie invadisse mais ninhos, uma caixa-isca com cheiro de mel, foi colocada no meliponário para atrair essas abelhas, quando ocupada a caixa foi levada para longe.

O meliponário é um restaurante perfeito para os lagartos, carambolos, largatixas, etc. Eles adoram comer abelhas, ficam perto da entrada da caixa observando a movimentação, e no momento certo, comem as abelhas. Isso enfraquece a colônia porque ele



come justamente as abelhas que coletam o alimento. A solução é fazer uma proteção na boca do ninho também com garrafa pet (conforme desenho).

As baratas também podem se abrigar nas colônias, muitas vezes entram ainda pequenas, crescem lá dentro e depois não conseguem mais sair. Devemos ficar atentos com as novas colônias e com as colônias fracas, já as colônias fortes não as deixam entrar com facilidade.

Depois dessa aula pudemos perceber que os cuidados para evitar as pragas são simples, é necessário que o meliponicultor esteja sempre presente no meliponário pra no momento certo usar o manejo adequado para combater a praga. Mas depois dessa aula eu fiquei com uma dúvida: Como saber se as colônias estão fracas ou fortes?



Podemos saber o estado de uma colônia observando ela por fora, e também fazendo uma inspeção.

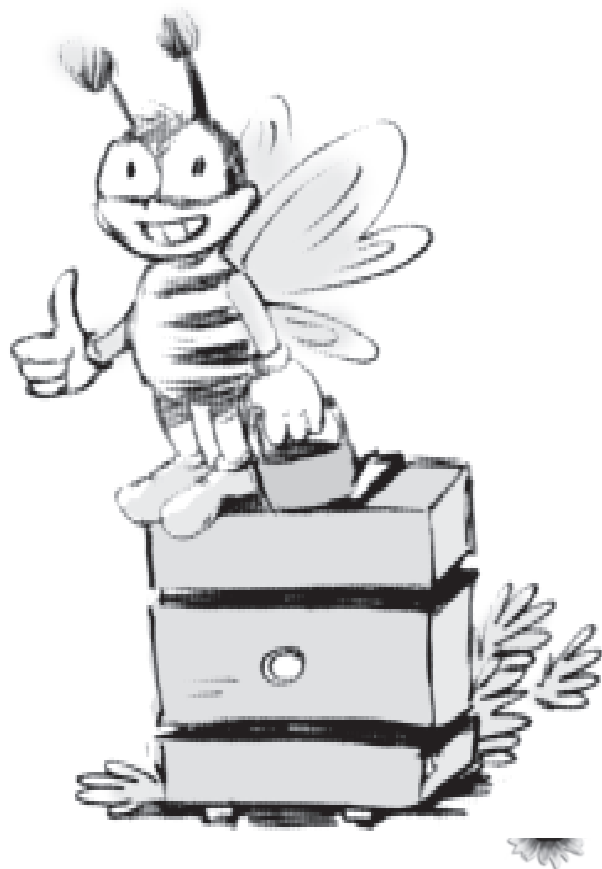
Na inspeção, observamos o peso da colônia, o tamanho do favo, a quantidade de cria nova e cria nascente, a quantidade de potes e a presença de inimigos naturais.

Em geral, **colônias fortes** dificilmente perdem peso, o diâmetro do maior favo pra tíuba é sempre maior que 6 cm, e dificilmente observamos forídeos ou baratas, porque com muitas abelhas, a defesa do ninho é feita facilmente. Já a quantidade de potes de alimento varia mais com a época do ano do que com o estado da colônia. Favo menor que 6 cm pra tíuba, presença de forídeos ou baratas e perda de peso é indicativo de **colônia fraca**.



Podemos ter alguma noção do estado da colônia também sem abri-la. Colônias fortes geralmente apresentam a boca do ninho bem ornamentada, muita movimentação na entrada do ninho nas primeiras horas da manhã, e colocando o ouvido perto da entrada, escutamos muito barulho, o que não acontece nas colônias fracas.

O pessoal da minha comunidade e eu aprendemos muitas coisas importantes com essas aulas, vimos que as colônias exigem cuidados, mas as informações começaram a se embaralhar na nossa cabeça. Sabíamos o que fazer, mas não tínhamos idéia de quando fazer. Foi aí que a Débora nos apresentou o Calendário de Manejo.





Calendário de Manejo

O calendário de Manejo para a tíuba foi elaborado através de observações mensais realizados durante um ano na região nordeste do estado do Maranhão. Está baseado no regime de chuvas e da floração do cerrado dessa região. Para ser aplicado em outras regiões e com outras espécies, o meliponicultor deve observar o desempenho das colônias na sua região e fazer as adaptações necessárias.

Para a construção desse calendário consideramos a período chuvoso de janeiro a junho, possibilidade de dois momentos para multiplicação de colônias e uma única safra de mel.

MARÇO

Realizar 1ª inspeção em todas as colônias;
Fazer divisão nas colônias que possuem favo com diâmetro maior ou igual a 8 cm.

JULHO

Pesar todas as caixas, sem inspeção

AGOSTO

Pesar todas as caixas
Realizar a 2ª inspeção do ano
Colocar 2ª módulo nas colônias que apresentarem favo com diâmetro maior que 6 cm e que ganharam peso entre julho e agosto.
Retirar batume, se necessário.



OUTUBRO

Pesar todas as caixas, sem inspeção

NOVEMBRO

Pesar todas as caixas;

Realizar a 3ª inspeção em todas as caixas;

Retirar das colônias o batume que possa prejudicar a retirada do mel;

Na semana seguinte, retirar o mel das colônias que apresentarem mais de 50% da base da caixa preenchida de potes de mel (> 50 potes). Observar se o favo apresenta diâmetro superior a 6 cm, e se as colônias ganharam peso entre outubro e novembro;

Retirar o 2º módulo de todas as colônias

Após uma semana realizar a 4ª inspeção nas colônias que se extraiu o mel.

Fazer multiplicação das colônias que apresentarem diâmetro do favo maior ou igual a 8 cm

Observar as colônias novas nos próximos 15 dias

O calendário vai ser muito útil pra gente, principalmente nos primeiros anos quando não temos muita experiência. E na nossa última conversa, Débora falou sobre experiências positivas de duas comunidades do Projeto Abelhas Nativas.



O bom manejo

A comunidade de Moura (município de Anapurus), e a comunidade de Preazinho (município de Belágua), se destacaram dentre as demais comunidades do Projeto Abelhas Nativas, porque superaram com brilhantismo as dificuldades.

Em 2004, Moura queria muito aumentar sua produção, e fez divisões erradas no período errado. Como consequência, a produção de mel foi bem pequena. Em 2005 seguindo o calendário de manejo, duplicaram a sua produção. Em Preazinho, muitas colônias foram atacadas por inimigos naturais, o que prejudicou a produção de mel, mas com a experiência, os cuidados com as colônias foram intensificados e a produção aumentou.

No início do trabalho muitas pessoas se comprometem, empolgam-se com as novidades, mas muitos nos primeiros obstáculos desistem de continuar. Preazinho e Moura tiveram problemas diferentes no início da implantação do projeto, mas responderam às dificuldades da mesma forma, com persistência. Insistiram porque acreditaram na idéia. E hoje estão colhendo os frutos e o mel do seu trabalho.

A meliponicultura que valoriza as espécies locais, que respeita a legislação, prioriza a conservação das espécies de abelhas sem ferrão e

gera renda pra comunidades rurais, é uma prática que exige paciência e dedicação, e diverge de muitos empreendimentos que visam apenas o lucro, porque o retorno que a meliponicultura traz é a médio e longo prazo, e não é apenas econômico, é principalmente ambiental e social.

Estou certo de que minha comunidade e eu teremos muito trabalho daqui pra frente.

Mas estou feliz porque iremos desenvolver um trabalho que não prejudica ninguém e ainda traz muitos benefícios pras famílias da nossa região.

E não se engane, a história de Abel Abelhudo ainda não acabou.

Até mais!



PROJETO ABELHAS NATIVAS - Equipe 2006/2007

PROJETO ABELHAS NATIVAS Equipe 2006/2007

Coordenador Geral

w Dr. Murilo Sérgio Drummond (UFMA/AMAVIDA)

Vice-Coordenadora

w Viviane Cardoso Pires (AMAVIDA)

Relações Inter-institucionais

w João Otávio Malheiros (AMAVIDA)

Coordenadores de pesquisa e assessoria técnica

w Dr^a Flávia Raquel F. Nascimento (UFMA)
w Dr^a Gisele Garcia Azevedo (UFMA/AMAVIDA)
w Dr^a Lenira de Melo Lacerda (UFMA/AMAVIDA)
w Dr. Murilo Sérgio Drummond (UFMA/AMAVIDA)
w Ms. Eleuza Gomes Tenório (UEMA/AMAVIDA)

Grupo técnico de apoio comunitário

w Caruline Silva Lago
w Danielle
w Irene Aguiar Santos
w João Batista Gomes Santos Jr.
w Juvenal Neres de Sousa
w Karla Cristina Souza Veras
w Luciana Franklin da Costa Ramos
w Taise Santos Barbosa

Grupo técnico de apoio científico

w Caruline Silva Lago
w Maria J. Abigail Mendes Araújo
w Maria Tereza Curty dos Santos

Relações Sócio-culturais

w João Batista G. Santos Jr (AMAVIDA)

Equipe do Boletim do Projeto Abelhas Nativas

w João Otávio Malheiros (AMAVIDA)
w Murilo Sérgio Drummond
w Nádia Prazeres Pinheiro

Apoiadores externos

w Hans Krogh
w Maurício João da Silva

Fórum de Articulação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Integradas do Projeto Abelhas Nativas - FATTRIP (Coordenação)

w Antonio Ilson Cosstantino
w Fátima de Maria Silva Carvalho
w Maria Lúcia Salustino

Unidade Móvel de Extração de Natmel

w Irene Aguiar Santos
w José de Jesus Reis Leal
w Renato Pereira costa
w Viviane Cardoso Pires

Unidades de Comercialização de Natmel e Outros Produtos Sustentáveis do Projeto Abelhas Nativas

w Meliponina - São Luis
(98) 3246-4485 / 3246-6679
w Central de Comercialização de Produtos
Ecosociais do Cerrado - Brasília
(61)3326-6303 / 3326-2013





Coordenação Executiva



Coordenação Técnica-Científica



Apoio



ALUMAR

SGP The GEF
Small Grants
Programme

